

Lévinas: uma introdução

Adriano Negris¹

Costa, Márcio Luis. *Lévinas: uma introdução*. Tradução de J. Thomaz Filho. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

Lévinas: uma introdução é uma obra assinada por Márcio Luis Costa, professor e pesquisador brasileiro na Universidad de San Buenaventura, Bogotá – Colômbia, onde atua desde 2011. Além de realizar pesquisas nas linhas de fenomenologia, políticas públicas de saúde e psicologia social, o autor possui extensa publicação sobre temas de ética, ontologia e fenomenologia, abordados sob a perspectiva do pensamento de Emmanuel Lévinas. Os temas de trabalho do autor guardam profunda ligação com suas pesquisas produzidas no Mestrado e posteriormente no Doutorado, ambos concluídos sob a orientação do filósofo argentino Enrique Dussel, expoente da chamada Filosofia da Libertação e um dos maiores responsáveis pelo ingresso da filosofia de Lévinas na América Latina.

O livro de Costa se coloca a difícil tarefa de criar um “conjunto arquitetônico levinasiano” para demonstrar em que sentido a ética aparece como filosofia primeira para Lévinas. Essa proposta conduz o autor a colocar em primeiro plano as críticas levinasianas acerca da ontologia, do tempo, da subjetividade e, principalmente, as objeções de Lévinas à concepção clássica de alteridade. Para cumprir o desígnio da obra, Costa estrutura um conjunto de temas distribuídos em cinco capítulos.

O primeiro capítulo expõe uma pequena biografia de Lévinas, destacando momentos da vida do pensador lituano associados a determinados eventos históricos, tais como a Revolução Russa e as duas Grandes Guerras Mundiais. A referência histórica funciona como pano de fundo para apresentar a dupla formação de Lévinas, suas influências e seu caminho pela filosofia. O autor começa por destacar a dupla formação de Lévinas. De um lado, o estudioso dos textos da Torá e das interpretações talmúdicas. De outro lado, a influência de alguns filósofos que marcaram sua formação acadêmica, dentre eles: os ensinamentos de Bergson, Husserl e, de modo mais significativo, Heidegger para sua formação filosófica.

Como bem explicado no capítulo inaugural, o período próximo ao término da Segunda Guerra Mundial coincide com o começo do projeto filosófico de Lévinas. *De*

¹Doutorando PPGFIL/UERJ. Email: adrianonegris@gmail.com

l'évasion e *De l'existence à l'existant* são textos produzidos durante essa fase e marcam não só o diálogo com a ontologia e a fenomenologia, mas também o tema da ética no pensamento levinasiano. Lévinas conclui que o Ocidente possui uma compreensão do ser a partir de uma espécie de impessoalidade, o *il y a* (há), que torna a existência um processo anônimo, indiferente e sem sentido. Assim, a tarefa assumida por Lévinas é pensar a possibilidade de uma experiência humana capaz de se libertar do poder da impessoalidade, do *il y a*. Costa lembra que essa evasão pensada por Lévinas é uma saída do *il y a* para algo “diferentemente de ser”. Esse movimento seria uma saída ética, que sinalizando para a necessidade de pensar a existência humana a partir da Ética e não mais à luz da ontologia. Como sugere o autor, Lévinas, nesse momento, enxerga no coração dessa saída ética a responsabilidade pelo outro. Essa responsabilidade pelo outro seria para Lévinas o Bem e, por isso, considerada filosofia primeira, anterior a toda espécie de anterioridade. O conteúdo ético da proposta levinasiana, como explica Costa, decorre claramente das raízes judaicas de Lévinas. Ao lado desse caráter ético, segue um intenso diálogo com o Ocidente, onde Lévinas reconhece a tradição filosófica ocidental e sua linguagem, porém, na mesma medida, suspeita que essa linguagem filosófica não é capaz de transmitir o sentido mais originário da vida humana.

No segundo capítulo, Costa ilustra o modo pelo qual Lévinas se aproxima da fenomenologia transcendental de Husserl e da ontologia existencial de Heidegger. A abordagem de Costa é feita através de dois textos de Lévinas: *Martin Heidegger et l'ontologie* e *La théorie de l'intuition dans la phénoménologie de Husserl*. Como o próprio autor relembra, esses textos de Lévinas são voltados para divulgação do pensamento de Husserl e Heidegger na França.

Trata-se de um capítulo que expõe o conteúdo dos dois textos escolhidos por Costa. Com a intenção de atender a proposta do livro, Costa ressalta que a leitura de Lévinas sobre a estrutura da ontologia existencial o leva a concluir que os horizontes da existência e da temporalidade são redutores ou totalizadores, uma vez que reduzem as “relações” e o “supratemporal” àqueles mesmos horizontes. Quanto a Husserl, o autor enfatiza que para Lévinas “o princípio dos princípios” da fenomenologia deve ser visto sob a ótica de uma ontologia, como um modo mais originário de concepção do ser. Lévinas colhe em Husserl a compreensão de que o ser se apresenta de diversos modos e a abordagem sobre cada um desses modos implica a constituição de ontologias regionais. Desse fato, Lévinas vê a necessidade da elaboração de uma ontologia que se interroge pela existência do ser e sobre os modos de existir das diferentes regiões do

ser. Segundo Lévinas, a intenção originária de Husserl era constituição de uma ontologia que pudesse dar conta dos vários modos de ser baseada não na forma vazia do ser, mas orientada pela vida concreta, pelo vivido. Nesse sentido, Costa assinala que nesse estágio o pensamento de Lévinas ainda é tributário da fenomenologia de Husserl e Heidegger, uma vez que, partindo de uma concepção de ser como vivido, Lévinas faz brotar um tipo de análise fenomenológica que impõe exigências ontológicas para além do caráter formal da essência e da existência. Quanto à questão ética, Costa conclui que nessa fase Lévinas ainda se move no âmbito da ontologia, sem tocar naquilo que posteriormente será sua maior tese: a ética como filosofia primeira.

No terceiro capítulo, Costa propõe uma divisão temática para poder explicar como Lévinas aos poucos vai se afastando da questão ontológica para se preocupar com a necessidade de liberar a subjetividade humana de um solipsismo monádico. Lévinas começa a pensar na fundamentação da subjetividade humana a partir de um nível anterior a ontologia e segundo um caráter intersubjetivo. Para demonstrar esse movimento, o autor trabalha neste capítulo com dois textos de Lévinas: *De l'existence à l'existant* e *Le temps et l'autre*.

Dessa maneira, Costa inicia o terceiro capítulo da obra reconstituindo a visão ontológica e a relação com o outro em Lévinas. O autor explica que a ontologia para Lévinas é importante na medida em que ela desvela a existência humana como experiência nua do ser. Como adverte Costa, o ser para Lévinas significa tão somente que “se é” e que “há”, descartando qualquer referência aos entes. Ao prosseguir nessa temática, o autor concentra sua atenção no modo pelo qual Lévinas trata da relação existência humana- existente.

De acordo com Costa, Lévinas investiga dois fenômenos que se dão na relação entre a existência e o existente, são eles: o cansaço e a preguiça. Esses fenômenos, explica Costa, são compreendidos por Lévinas como uma postura do existente frente à sua existência. O importante é que o cansaço e a preguiça são experiências existenciais que revelam uma espécie de resistência do existente que se vê forçado a assumir sua própria existência. De um lado, a resistência do existente e, de outro lado, a insistência da existência. Esses fenômenos, por fim, desvelam a existência como insistência e a inevitabilidade de existir. O mais importante para o autor é que tais fenômenos guardam a possibilidade do existente humano escapar da insistência da existência. Nas palavras do autor, o existente humano cansado pode abdicar da existência, evadindo-se do confronto com o fato nu e cru do ser. Dessa forma, cansaço e preguiça são experiências

que permitem o existente se desprender de sua existência e de seu ser. Nessa passagem o autor consegue vislumbrar de forma incipiente um movimento que se coaduna com a proposta final do livro. Costa entende que essa evasão do ser permite Lévinas afastar a ontologia como modo primordial de aproximação do ser, liberando o existente do confronto com o fato nu e cru do ser, permitindo o existente caminhar em direção para um “mais além”.

A ontologia coloca o existente diante do inevitável confronto com o ser. Costa, após explicar a dinâmica de existência do *Dasein* heideggeriano, acentua que a saída pensada por Lévinas não pode consistir num simples não-ser, uma simples nadificação. Isso porque, conforme ressalta Costa, as investigações ontológicas de Heidegger levaram Lévinas a concluir que na experiência do Nada, por certo, não há entes, porém, nessa experiência há uma ausência universal que se mostra como presença. Diante do nada, o ser regressa de forma absoluta, anônima, não podendo ser ele negado ou superado. Assim, Lévinas pensa a negação da existência como uma *epoché*, uma suspensão, atuando como um intervalo no ser no interior do ser. Esse intervalo, como explica o autor, seria produzido pela consciência. Conforme Costa acentua, a consciência para Lévinas tem o poder de romper com a presença inevitável do ser, oferecendo a possibilidade de se ir para além de uma existência marcada ontologicamente pelo fato nu e cru do ser. Nessa fase de seu pensamento Lévinas concebe essa saída do ser pela consciência através do sono e do inconsciente, ambos entendidos como manifestações corporais que provocam uma ruptura temporária na obra do ser. Segundo comenta Costa, o avanço de Lévinas na obra *De l'existence à l'existant* consistiu na criação de uma abertura no ser por meio da suspensão da obra de ser, atitudes até então inconcebíveis.

Le temps et l'autre, na visão do autor, é a obra que Lévinas começa a desenvolver os temas da alteridade e da temporalidade com maior acuidade. Ainda em *De l'existence à l'existant* Costa aponta que Lévinas pratica uma fenomenologia da “posição”. A consciência frente ao ser pode coloca-se no sono. Essa postura revela que a consciência em sono coloca-se em abrigo do ser, constituindo, assim, uma “posição-base”. A partir dessa posição a consciência pode despertar e dominar aquilo antes a saturava. Esse despertar “renovado” da consciência não teria o condão de efetivamente sair do horizonte do ser. Costa frisa que Lévinas não admite essa interpretação. A porta de libertação do “eu”, da consciência ou subjetividade humana reside no desafio de alcançar o outro. Como o autor menciona, “alcançar o outro” não está situado no nível



da inter-relação, onde se dá o encontro de mônadas fechadas em si-mesmas. Alcançar o outro não significa ir ao encontro de um alter-ego subsumido no si-mesmo. Definido positivamente, o “outro” levinasiano é representado pela figura do feminino. Costa explica que Lévinas coloca figura da mulher ou do feminino como o “outro por excelência” e a figura do filho como garantia da preservação da alteridade na relação familiar, onde cada um se constitui fecundamente como “ser-para-o-outro”.

Costa ainda no final do Capítulo III realiza uma exposição sobre a questão da temporalidade, procurando deixar claro que para Lévinas a temporalidade digna de presidir o encontro com o outro deve ser diacrônica, completamente diversa da temporalidade sincrônica que regula as relações no âmbito ontológico. Outro apontamento feito pelo autor é que essa relação com o outro, além de ser assimétrica, se dá no face-a-face. Isso significa dizer que o encontro com o outro já ocorre num espaço assimétrico, situado fora de toda a possibilidade de identificação ou conhecimento. Desse modo, o autor conclui ao final desse capítulo que Lévinas, após as obras *De l`existence à l`existant e Le temps et l`autre*, começa a sentir a necessidade de liberar a subjetividade humana do horizonte ontológico, situando-a num nível originário e anterior à ontologia. Como Costa menciona, se Lévinas ainda não pensa esse âmbito originário como ético, ele certamente o considera anterior e mais fundamental do que as perspectivas fenomenológicas e ontológicas.

O quarto capítulo é o ponto central da obra de Costa. É nesse ponto que o autor anuncia uma “virada ética” no pensamento de Lévinas. Todo o percurso escolhido pelo autor até o momento se mostra como um preparo para explicitar a ética como filosofia primeira em Lévinas. Conforme o autor, o ponto de virada é o texto de *Lévinas Totalité et Infini: essai sur l`extériorité*, onde o pensador judeu começa a assumir o tema da ética de maneira explícita. Então, como não poderia deixar de ser, *Totalité et Infini: essai sur l`extériorité* é o texto central desse capítulo, onde o autor analisa a formação de uma ética como filosofia primeira sob três pontos de vista, são eles: a idéia do infinito, o mesmo e o Outro, A economia do ser-no-mundo e a transcendência e O rosto e a ética como filosofia primeira.

Antes de ingressar na temática proposta, o autor expõe a mudança de tonalidade no pensamento de Lévinas, principalmente quanto à modulação semântica de algumas categorias como: ontologia, metafísica, violência e responsabilidade.

Dessa maneira, Costa inicia seu percurso pela ontologia levinasiana pela sua caracterização. A partir de *Totalité et Infini* Lévinas passa a ver a ontologia não só como

o ser e o “si mesmo” concebido como horizonte fenomenológico de inteligibilidade dos entes (inclusive do ente humano). Ontologia significa também a face violenta e opressora do ser. Lévinas entende que a ontologia foi determinante no pensamento filosófico ocidental, uma vez que através dela não há outro modo de compreensão do mundo senão à luz do ser. Implica, também, conceber a subjetividade humana como *mônada* (átomo espiritual, substância desprovida de partes e de extensão, portanto indivisível). Nesse sentido, a ontologia representaria uma violência, uma espécie de guerra onde se destrói a identidade e a alteridade em nome da totalidade neutra do ser.

Para Lévinas a totalidade é uma das consequências epistemológicas da ontologia. Essa totalidade se traduz na necessidade de se atingir o saber absoluto, que invariavelmente reduz o Outro ao Mesmo. Trata-se do monopólio do Eu ou do Mesmo. É a razão definida pelo Eu. Costa acentua que se a guerra e a totalidade indicam a face violenta do ser, o termo política representaria a estratégia ou *modus operandi* vigente no interior da ontologia. Essa observação feita pelo autor é significativa, uma vez que Lévinas deseja uma ética e não a política, ou seja, o filósofo lituano quer uma aproximação original e não-violenta do ser. Do mesmo modo o autor vai apresentar a proposta levinasiana de um messianismo e uma escatologia que se oporá à política da guerra.

A escatologia levinasiana informa a possibilidade de um para além da totalidade, de acordo com Costa. Esse “para além”, lembra o autor, não é a negação da totalidade, nem do tempo, nem do ser. A escatologia sinaliza um para além que excede a totalidade e por ela não pode ser absolvida. Daí o autor explicar que o sentido do infinito em Lévinas. O infinito é a presença de um ser que não é fechado na esfera do Mesmo. Ao contrário, é presença que extravasa o Mesmo e fixa o seu estatuto de infinito. Assim, a escatologia opera como uma ruptura da totalidade pela palavra que excede a caricatura do ser, transformando-se numa abertura para a possibilidade de uma significação sem contexto, sem um mundo dominado pela totalidade ontológica. Nesse ponto o autor realiza duas advertências: para Lévinas a relação com o ser não se produz somente em termos de violência, pois o “real” é o patente, evidente e representável com sentido e significado no horizonte do mundo. A outra advertência: Lévinas esclarece que a objetividade promovida pela ontologia não é a única nem a mais original forma pela qual o ser se dá ao homem.

Ainda tratando da escatologia de Lévinas, Costa diz que Lévinas pretende quebrar a totalidade por aquilo que a excede, sendo que a descrição filosófica não-

totalitária de tal excedência seria viável apenas através da transcendência do rosto do Outro. Essa experiência para Lévinas significa o infinito. O infinito se manifesta como transcendência e na epifania do rosto. Costa alerta ao leitor que essa experiência de transcendência não guarda semelhança com o argumento transcendental anselmiano. Em Lévinas a transcendência do rosto do outro reproduz o esforço de manter-se aquém da evidência e da certeza objetiva.

Na leitura de Costa, o infinito levinasiano aparece como uma experiência que se dá no interior de mundo totalizado, objetivado. A ideia de infinito excede o horizonte da totalidade de sentidos e significados dispostos no mundo. Essa experiência é capaz de desvelar o caráter finito (“finitão”) do mundo e, na mesma medida, revela a própria “infinição” (excedência) do infinito na subjetividade humana. O autor adverte que “se penso uma ideia cujo conteúdo a excede, isso significa que a ideia é excedida por seu conteúdo e não que exista tal conteúdo. Dessa forma, na ideia do infinito o que se pensa sempre excede, resta, permanece exterior ao pensamento.

Como vimos acima, a ideia de infinito se dá no interior da totalidade. Ontologicamente, o “eu” seria “o mesmo de mim mesmo” e o Outro é tomado como outro eu, ou seja, a posse do Outro como outro próprio-eu. É a redução do Outro ao Mesmo expressa na totalidade, no domínio e na violência. Nesse sentido o Outro não passa de uma representação de um “eu”. Costa explicita que o infinito é infinito não pelo fato de que uma subjetividade transcendental o pensa como tal e sim porque ao se pensar a ideia do infinito se pensa mais do que pode pensar, pensa um ente que não se ajusta a ela, pensa um ente que a excede. Costa faz duas observações quanto à ideia de infinito. A primeira diz que a ideia de infinito não é a representação do infinito, pois só no interior da ontologia é possível a representação. Na segunda, Costa sustenta que a ideia do infinito constitui a nova fonte de atividade e da teoria, deixando de lado os pressupostos totalizadores da ontologia.

Costa menciona que a ideia do infinito permite Lévinas estabelecer outro olhar sobre a questão da subjetividade. Nessa nova teoria com base no infinito surge a metafísica, que seria um caminho para fora da fatalidade do mundo concebido ontologicamente. Para Lévinas, a metafísica é o movimento de “saída do ser” – do “mesmo de mim mesmo” – para o “outro de mim mesmo”. É a excedência do ser ou a saída do ser. Essa relação metafísica com o outro é alimentada pelo desejo. Trata-se de um desejo sem satisfação e que leva à excedência em direção à exterioridade do Outro. Nesse estágio o autor desenvolve o tema da metafísica em Lévinas justamente para

frisar que ela é anterior a estrutura ontológica do mundo. Como diz Costa, o originário não é o mundo, nem o sentido, nem o significado, nem o “eu” (todos pertencem a perspectiva ontológica). O originário que é revelado pela metafísica é alteridade, um Outro que permanece sempre o outro. O outro é o absolutamente outro – Outrem.

A metafísica levinasiana não tem a proposta de integrar o Mesmo ao Outro, nem mesmo pensar uma mediação desses termos mediante a intervenção neutra e silenciosa do ser. Para que isso seja viável é necessária uma concepção diferenciada de ser e de alteridade, inscritos fora do horizonte ontológico. Costa afirma que esta exigência da metafísica conduz Lévinas a construir a tese mais forte de *Totalité et Infini*, que consiste na anterioridade da metafísica em relação à ontologia. Assim, sustenta Costa, a metafísica levinasiana é uma teoria da inteligência dos entes anterior a apropriação violenta e totalizante da ontologia. Costa diz, ainda, que teorizar os entes sob essa visão metafísica significa assumir uma atitude crítica em relação ao reducionismo heliológico da ontologia, resgatando dos entes o que não aparece como fenômeno à luz do ser e a alteridade perdida sob o império do Mesmo. A metafísica, por força de sua originalidade, antecede a ontologia, nesse sentido a metafísica (ou ética) é a filosofia primeira. Com a finalidade de acrescentar subsídios para a melhor compreensão do tema, o autor expõe rapidamente outras categorias que estão em jogo na ética levinasiana, tais como: separação e interioridade, verdade linguagem e justiça.

Quanto ao tópico “a economia do ser-no-mundo e a transcendência”, Costa vai comentar que o conceito de “eu” que serve para marcar o gozo solipsista, na verdade, é uma expressão da vida humana. O “eu” para Lévinas, pontua o autor, não é algo destacado da generalidade. Esse “eu” para Lévinas é identidade sem gênero e sem conceito, ele ainda não é sujeito que conhece e representa. Esse “eu” é anterior à totalidade de sentido e de significado, é anterior ao plexo de referências oferecido pelo mundo. O autor explica que o “eu” levinasiano se encontra no modo originário do “viver de...”. O ente que “vive de...” habita em sua morada, a partir da qual o ente humano se desloca para o mundo e para onde ele se refugia do mundo. Esse modo da habitação, tal como o “viver de...” são anteriores e mais originários que toda a economia do ser-no-mundo oferecida pela ontologia.

Ao finalizar o quarto capítulo, o autor chega à tese forte do livro: ética é vista como filosofia primeira no pensamento de Lévinas. A ética, por ser experiência, antecede a ontologia. Ética para Lévinas é a experiência original pela qual vislumbro “em mim a ideia do infinito que é o Outro”. Nesse passo, o acontecimento ético por

excelência se dá na transcendência do Outro, no face-a-face do rosto do Outro. Como Costa expõe, o rosto do Outro faz recordar as obrigações do “eu”. O rosto do Outro sempre reflete a limitação da liberdade do “eu” que supostamente a compreende como originariamente constitutiva de seu ser. Como observa o autor, o rosto coloca em questão o tema da liberdade, despertando a culpabilidade e a vergonha de uma subjetividade que só pode se considerar livre dentro de parâmetros ontológicos. Esse encontro do rosto do Outro é a experiência originária por excelência e, por essa razão, é considerada como ética por Lévinas.

Na última parte do livro, Costa explora os caminhos que Lévinas utiliza para elaborar uma linguagem ética que não fique circunscrita ao âmbito ontológico. Dessa maneira, o texto de Lévinas que é colocado em destaque pelo autor é *Autrement qu'êtré ou au-delà de l'essence*.

De plano, o autor esclarece que a transcendência vista em Lévinas não é outra modalidade do ser ou sua negação, mas sim um “diferentemente de ser”. A expressão empregada por Lévinas representa a diferença da transcendência, uma diferença que está para além daquela diferença dialética entre o ser (*esse*, essência) e o nada. Dessa perspectiva, o autor começa a explorar a ideia de “inter-esse”. Esse termo estaria ligado à estrutura matricial da ontologia, demonstrando que a essência (*esse*) é interesse. Um interesse na manutenção da unidade dos diferentes entes sob o julgo do ser, formando uma comunidade onde em última instância todos são e sempre serão “ser”.

Lévinas deseja uma ética anterior a toda ontologia. Todavia, a pergunta que se coloca é: como Lévinas poderá falar de uma ética, anterior a toda ontologia, senão através de uma linguagem da essência, do ser e, por fim, dominada pelo ontológico? Costa nesse último capítulo desenvolve as estratégias de Lévinas para falar de sua ética, ainda que isso seja feito na linguagem do ser. Assim, Costa profere uma explanação da diferença entre o dito (ordem ontológica) e o dizer (o que subverte a lógica identidade e não-contradição que rege a linguagem do ser). O dito sempre procura mobilizar e articular a rede de sentidos possíveis que circulam na totalidade ontológica do mundo. O “dizer” que perverteria o “dito” é expressividade pré-originária anterior a todo “dito”. Além disso, Costa menciona que essa linguagem do “diferentemente de ser” é marcada por uma temporalidade “diacrônica”, diversa da temporalidade ligada à ontologia. Essa temporalidade é anterior a sincronia e a duração, que simbolizam uma temporalidade pensada à luz do ser. Esse tempo diacrônico não pode ser recuperado através do presente que regressa ao passado num esforço linear. Costa explica que esse tempo

diacrônico é pensado de forma pré-originária por Lévinas. Não se pode regressar a esse passado porque ele não é origem nem foi originado, ele é anarqueológico. Como diz Costa, esse passado imemorial é a responsabilidade para com o outro, o ideal de vida boa, o humano por excelência.

Outro ponto importante que é trabalhado pelo autor é a questão da subjetividade. O autor vai tecer comentários sobre a subjetividade pensada de forma mais madura em Lévinas. Assim o autor coloca que a subjetividade não deve ser originariamente entendida pelo viés epistemológico da teoria do conhecimento. Em Lévinas a sensibilidade que constitui a subjetividade humana é exposição, um “estar vulnerável” ao outro. A sensibilidade implica o corpo, o gozo e a matéria como fatores de singularização da subjetividade anterior ao cogito, à consciência e à existência que individualizam. Nesse sentido, a proximidade, o estar sensível ao outro, é o sentido mais profundo da vida humana para Lévinas.

Costa acrescenta que a constituição pré-originária da subjetividade como sensibilidade abre as portas para a intersubjetividade entendida como recebimento. A fraternidade humana, diz o autor, é o recebimento do outro “em mim”. Compreendida dessa forma, a subjetividade “sentinte” é perseguida pelo outro que se aproxima em sua passividade. Mesmo ao dizer não ao outro que se aproxima, explica Costa, não há como desfazer-se dele, ele continua sendo sua incumbência. Assim sendo, a subjetividade vista sob esse ângulo constitui-se como hospedeiro recebente do outro e preso por ele como refém de uma responsabilidade concernida antes mesmo de ser assumida e conhecida. Esse concernimento, segundo Costa, leva à ruptura da identidade do sujeito consigo mesmo fazendo-o descer a níveis pré-originários, onde o ser se transmuta em substituição. Como o autor sintetiza: mutação de sujeito que sujeita em sujeito sujeitado.

A superação da violência ontológica se dá somente quando o Eu é compreendido como refém do Outro. Esse Eu coloca-se a serviço do Outro, como responsabilidade pelo Outro, na forma do “des-inter-esse” pelo ser, entendido como si mesmo. A expressão “desinteresse” quer dizer gratuidade, ausência de interesse na reciprocidade, um dom que escapa a toda reciprocidade. É nesse sentido que o autor diz que diferentemente de ser, des-interessar-se, é carregar a miséria do outro e o julgamento que pesa sobre ele, inclusive com a responsabilidade que o outro possa ter em relação a mim.

Para concluir o capítulo final, Costa esclarece que a tematização da essência, do inter-esse, des-inter-esse, do “dizer e do “dito” e da proximidade reflete a difícil tarefa de Lévinas para se expressar “diferentemente de ser”, como excedência e antecedência à violência ontológica que resume o ser à luz do desvelamento, da sincronia, da representação e da objetivação. Essa maneira de pensar, diz o autor, talvez pudesse ser chamada de racionalidade ética pré-originária, anterior à racionalidade empírica das ciências e à racionalidade ontológica das filosofias transcendentais.

No tópico dedicado a conclusão, o autor repassa muitos dos temas já abordados ao longo do livro. Contudo, esse resgate de temas ligados à ética levinasiana é feito através do texto *De l'évasion*, de autoria do filósofo lituano. Nesse contexto o autor dá um enfoque sobre conceitos que anteriormente não foram abordados, tais como: náusea, vergonha, nudez e corporeidade. Ao dar continuidade a conclusão, Costa elenca a proposta filosófica de três autores que dialogaram intensamente com Lévinas, são eles: Jacques Derrida, Paul Ricoeur e Gianni Vattimo. O autor comenta de forma objetiva o que no seu entender representa a crítica mais incisiva desses filósofos à ética levinasiana. Em seguida, Costa arrisca um pequeno ensaio acerca de uma possível resposta para cada uma das críticas dirigidas a Lévinas. Por fim, o autor tem o cuidado de apontar outras perspectivas de investigação na obra de Lévinas, destacando hipóteses de trabalho que gravitariam em torno da anterioridade da ética, uma racionalidade ética pré-originária (anterior os demais tipos de racionalidade), bem como a constituição da subjetividade e da intersubjetividade em Lévinas.

O livro objeto desta resenha apresenta um estudo cuidadoso sobre o pensamento do filósofo Emmanuel Lévinas. Nota-se que o autor logo nas páginas iniciais pretende demonstrar ao leitor como a ética é concebida como filosofia primeira para Lévinas. Ao decorrer do texto é feita uma excelente abordagem dos principais conceitos operados por Lévinas em cada momento de sua carreira filosófica. O autor conjuga, com habilidade, toda a sua proposta com algumas obras centrais do extenso acervo bibliográfico de Lévinas. Dessa forma, o autor consegue dar conta de sua proposta inicial e ir um pouco mais além. A título de conclusão, o autor repassa por alguns pontos explicitados ao longo de sua obra, porém, sob uma perspectiva renovada, incluindo uma análise sucinta de temas não abordados anteriormente. Costa, ainda na conclusão, amplia a visão do leitor realizando uma espécie de diálogo com outros filosóficos influenciados por Lévinas e suas respectivas críticas em relação à ética levinasiana. Escrito de forma clara e cuidadosa, bem elucidativo quanto às principais

teses levinasianas, o livro de Costa é mais que uma simples leitura introdutória ao pensamento de Lévinas. Mais do que isso, a leitura do livro de Costa representa um caminho para quem deseja fortalecer a acuidade crítica em relação a determinados tipos de filosofia que são produzidos no Ocidente.